

## Velho, velhice e envelhecimento nas sociedades antigas

Andreza Jucelly Severina da Silva<sup>1\*</sup>

**Resumo:** Realizar uma reflexão sobre a concepção de velho e envelhecimento no mundo Ocidental, usando como referência bibliográfica o livro “A velhice” da autora Simone de Beauvoir. Os dados apreendidos sobre a representação dos anciões no passado distinguem-se nos relatos etnográficos, mas a historiografia detém de suas limitações, devido à falta de fontes sobre a temática. E as fontes etnográficas, a história social trazem as abordagens dos negligenciados da História, revelando a especificidades do imaginário acerca do envelhecimento, da velhice e do idoso.

**Palavras chaves:** Idoso; Envelhecimento; Exclusão

### Vejez, vejez y envejecimiento en las sociedades antiguas

**Resumen:** Realizar una reflexión sobre la concepción de la vejez y el envejecimiento en el mundo occidental, utilizando como referencia bibliográfica el libro “A velhice” de la autora Simone de Beauvoir. Los datos incautados sobre la representación de los ancianos en el pasado se distinguen en los informes etnográficos, pero la historiografía tiene sus limitaciones, debido a la falta de fuentes sobre el tema. Y las fuentes etnográficas, la historia social traen los abordajes de los olvidados de la Historia, revelando las especificidades de los imaginarios sobre el envejecimiento, la vejez y los ancianos.

**Contrasñas:** Anciano; Envejecimiento, Exclusión.

### Introdução

**Justificativas:** Grande parcela da minha pesquisa encontra-se em dados retirados de levantamentos bibliográficos sobre o tema da velhice. Porventura, volta e meia, apareciam mais informações, sejam elas da antropologia, da

---

<sup>1\*</sup> Bacharel em História (UFPE), e aluna do curso de Licenciatura UADTEC UFRPE.

etnologia ou da área da saúde. 75% dos inscritos são de origem da medicina e o estudo clínico sobre o processo de envelhecimento, como os males que afetam o corpo e os impactos de doenças como: enfraquecimento muscular, "demência" e parkinson. 25% das fontes são de recortes etnográficos, destacando o capítulo III do livro de Simone De Beauvoir, intitulado de "As velhices nas sociedades históricas".

A justificativa desta escrita está no propósito de identificar os vastos conceitos de velhice ao longo do tempo, moldando as faces de cada sociedade em seu devido contexto histórico. Cada povo tinha uma concepção do ancião, podendo ser negativo ou positivo. Arresto que, a luta do novo pelo velho sempre existiu, acarretando na predominância da tomada de poder entre os indivíduos. Quem não conseguia ter a governança de sua casa, provavelmente, era coagido a se afastar do seio familiar ou acabava sendo sacrificado em algum evento de mortandade. O sexagenário (Denominação utilizada por Simone De Beauvoir para falar dos idosos em sociedades antigas) era o líder patriarcal que controlava a vida dos seus filhos, indicando como eles deviam viver, permitindo ou não os casamentos entre os jovens ou impondo limites e regras de boa conduta em sua família. E devido a esse controle muitos filhos se rebelaram contra os seus pais, desejavam jogá-los na sepultura e esquecê-los por completo. Outra questão, não muito distante, está no questionamento do hoje para o ontem, pois o ato de pintar os cabelos brancos representa um processo de longa duração da exclusão do idoso e do afastamento dos sinais do envelhecimento. Negar a velhice significa busca pela "pedra filosofal" ou a "fonte da juventude" escondida nos potes de cremes rejuvenescedores? Na Idade Média, a representação do velho era descrita como um ser moribundo e decrépito. Sujeito que perdeu a juventude para o perverso tempo, todavia, resta-lhe se conformar que apenas terá força para se enamorar pelas jovens. Então, como a alvorada da noite, o velho espera o que a sociedade acredita:- a morte ou a senilidade.

Na contemporaneidade, mesmo com o avanço científico, acreditam que o velho é decrépito, sem força para estar dentro das indústrias capitalistas. Aliás, será que eles não são tratados como criancinhas? Esses questionamentos são

ainda atuais, perpassando a História do tempo presente. São os questionamentos do presente que movem a direção da História, rejeitando a concepção de História magistra viaté. A História oficial apenas olhava para os monumentos físicos ou escritos oficiais e figuras do poder. Esquecia-se dos relatos de memória, dos vestígios da literatura e dos poucos registros pictóricos sobre a sociedade, a economia e a cultura. Não existe uma versão única da História ou um discurso que escamoteia os excluídos. É um pouco do que o historiador François Hartog(2013) fala em “Regime de Historicidade”. As inovações trazidas pelo mérito da Escola dos Annales aprofundaram o estudo interdisciplinar, aproximando-se da antropologia, da psicologia e da sociologia. Em “Os reis Taumaturgos” Marc Bloch (2018) falam do poder de cura dos reis da França e Inglaterra, do século XII ao XVIII. Ressalta-se que esses ilustres reis eram anciões, portadores de inúmeras habilidades. Por serem associados a seres portadores de poderes místicos, muitos indivíduos os respeitavam e tinham medo de sofrer algum tipo de perversidade. Esse relato se aproxima das abordagens interdisciplinares e abre caminho para uma história-problema. A possibilidade de investigação histórica que dialoga com outras disciplinas pode abrir o leque para as reflexões da velhice, da memória, das fontes digitais, com novos métodos de abordagens de operações historiográficas na Contemporaneidade. E as novas fontes trazem novidades, como o uso tecnológico para a busca de trabalhos de pesquisadores que trabalham com o tema da memória e velhice. Sem essa possibilidade, não haveria meios de ter acesso ao livro de Simone De Beauvoir ou demais artigos que discutem sobre a velhice no Ocidente.

A História se faz por meios de acesso, seja ele por arquivos ou através de bibliotecas nacionais digitais. Essa novidade, esclarecendo o meu percurso nas investigações sobre a velhice, iniciou-se com o intuito não de se aprofundar nas políticas públicas, mas de compreender que o sofrimento do ancião não foi uma criação do mundo moderno e sim uma condição social atribuída por cada povo, em diferentes lugares do mundo, e em contextos históricos distintos.

## **Problemas da pesquisa e hipóteses acerca da exclusão do idoso no Ocidente**

As dificuldades iniciais para encontrar fontes retardaram essa investigação. Apenas foi encontrado parte do primeiro volume do livro “A velhice” na internet. O recorte presente nas páginas fragmentárias dava uma direção, mas não contavam os motivos que levaram Simone De Beauvoir a escrever tão célebres linhas que rechaçam o descaso da sociedade com os idosos nos asilos. E foi por volta dos anos 70 que o livro “A velhice” foi apresentado ao mundo acadêmico, tecendo rigorosas críticas para o mundo capitalista e a exclusão do idoso na vida ativa.

Sabendo da escassez de fontes na área de ciências humanas, especialmente em História, foi traçada uma busca de dados bibliográficos em outras disciplinas, tais encontram-se em destaque: ciências Biológicas, gerontologia e medicina, serviço social, psicologia. Aos poucos foram aparecendo novos caminhos investigativos, fundando na construção de uma escrita que considera a importância do avanço dessas disciplinas para o debate da velhice e envelhecimento. Além dessa dificuldade, sem alongar muito essa questão, houve uma época que notará o avanço da História social, sobretudo, do renomado trabalho do historiador Philippe Ariès (1978) em “História social da criança e da família”. Aqui, a visão da criança é mais próxima dos seus avós, porque a mentalidade do antigo regime Francês considerava as criancinhas como adultos pequenos e os velhos como indivíduos de status menos. Se por um lado a jovialidade é somada à própria sorte, o velho fica à mercê da morte e do abandono. Essa visão já ajuda a compreender o melhor caminho de debate sobre o tema da velhice no Ocidente, pois, geralmente, eles eram excluídos ou atacados pelos jovens.

Algumas perguntas podem ser melhor respondidas com avanço clínico. A falta de entendimento sobre o envelhecimento leva a formulação de tratados higiênicos para o envelhecimento. No entanto, a solução para a velhice está nas visões estéticas de cada sociedade que, mesmo com o avanço técnico, vive a revelar um olhar recalcado para seus parentes de cabeças brancas

## Descrição da velhice nos escritos bíblicos:

São muitos os relatos que tratam sobre o velho no cristianismo, sobretudo, ao se tratar do papel do conselho dos anciãos e da importância da figura do patriarca como símbolo de autoridade e respeito. Vários cargos presbiterianos foram ocupados por homens idosos acima dos 50 anos, mas a superação do pai pelo filho sempre existiu, sendo necessária a criação de leis para evitar que essa situação acontecesse continuamente. Como exemplo, a lei de Moisés afirma que se deve honrar pai e mãe. Arresto, é evidente que possivelmente havia situação de confronto ou desobediência de filhos para seus progenitores. E a formulação de uma lei sobre essa temática, não descarta essa hipótese. Por outro lado, a velhice é retratada no cristianismo como algo natural da vida humana, significando experiência de vida ou sabedoria. Quando o indivíduo envelhece, passa a sentir no corpo a proximidade com a morte. Por outro lado, algumas sociedades tentaram investir recursos em projetos que pudessem prover um significado duradouro para o ancião, com a esperança de perpetuar seu nome por toda eternidade. Entretanto, não se sabe quais projetos poderiam prosperar ou ser considerados com maior grau de importância desses sujeitos para a sociedade, levando o indivíduo ao sofrimento e desilusões. Em Eclesiastes, 3- 18, intitulado de piedade final, fala sobre a relação de pai e filho dentro dos ensinamentos de Deus.

- “1- Os filhos da sabedoria foram a assembleia dos justos,  
e o novo que compõem e, todo ele, obediência e amor.
- 2- Ouvi, meus filhos, os conselhos de vosso pai,  
Segui-os de tal modo que sejas salvos.
- 3- Pois Deus quis honrar os pais pelos filhos,  
e cuidadosamente fortaleceu a autoridade da mãe sobre eles
- 4-Aquele que ama Deus roga-lhe pelos seus pecados  
acautela-se para não cometê-la no porvir.
- 5- Quem honra sua mãe,  
é semelhante àquele que acumula tesouro no céu.
- 6- Quem honra seu pai achará alegria em seus filhos,

será ouvido no dia da oração.

7- Quem honra seu pai gozará de vida longa,

quem lhe obedece dará consolo à sua mãe.

8- Quem teme ao senhor honra pai e mãe.

Servirão aqueles que lhe deram a vida como a seus senhores.

9- Honra teu pai por teus atos, tuas palavras, tua paciência.

10- A Fim de que ele te dê sua bênção,

e que esta permaneça em ti até teu último dia.

11- A bênção paterna a fortalece a casa de seus filhos,

A maldição de uma mãe a arrasa até os alicerces.

12- Não te glories do que desonra teu pai,

pois a vergonha dele não poderia ser glória para ti.

13- Pois um homem adquire glória com a honra de seu pai,

e um pai sem honra é a vergonha do filho.

14- Meu filho, ajuda a velhice de teu pai,

não o desgoste durante a sua vida.

15- Se seu espírito desfalecer, sê indulgente,

não o despreze porque te sentes fortes,

pois tua caridade para com teu pai não será esquecida.

16- e, por teres suportado os defeitos de tua mãe,

ser-te-á dada uma recompensa.

17- tua casa tornar-se-ão de ti no dia da aflição,

e teus pecados dissolver-se-ão como o gelo ao sol forte.

18- Como é infame aquele que abandona seu pai.

Como é amaldiçoado por Deus aquele que irrita sua mãe”

(ECLESIASTE. 3-1 a 18)

Também em Eclesiaste 7-25 elucida que os pais devem educar seus filhos, para que desde a infância eles prestem obediência. Percebe-se na passagem citada 3- 1 a 18, que é projetada uma certa hierarquização no tratamento familiar, estabelecendo a autoridade do pai sobre o filho. Já para os que não obedecem, acabavam sendo punidos por Deus, afastados dos bens dos pais e amaldiçoados. Além de que, os filhos também poderiam ser punidos pelos erros de seu patriarca ou matriarca, causando uma desonra ao nome da família perante toda a sociedade. Toda essa construção ideológica de família ideal, concede aos jovens

a falta de liberdade, e o confisco de sua autonomia, pois tudo que eles tinham em mãos pertenciam a uma figura paterna (ancião, idoso). Havia, portanto, o medo pelos castigos de Deus, caso houvesse alguma rebeldia ou ação que prejudicasse o pai ou a mãe. Assim, evitava-se os abandonos dos idosos na velhice, os maus tratos e, inclusive, o afastamento social. Porventura, não cabe afirmar com exatidão o número de casos de violência e exclusão do idoso nas escrituras bíblicas, mas deixar hipóteses de que isso ocorria.

A passagem de Marcos relata a cura do cego Bartimeu por Jesus em Jericó. Interpreta-se a passagem como algo que relata um caso de exclusão de idoso e dos deficientes na era de Cristo. Outro ponto, pouco percebido, é a distinção entre sexagenário enriquecido pela posição social de autonomia e do sexagenário decrépito e deficiente. A história de Bartimeu acontece no III ministério de Jesus. Bartimeu era filho de Timeu, um general que servia ao exército judeu no destacamento de Beteu. Quando Timeu se aposentou, tornou-se uma pessoa bem sucedida na região, com posses e um bom goldo. Mas, toda sua felicidade veio a ruir, pois quando o exército romano chegou em Beteu tomou-lhe os bens e o deixou na miséria. Ele, depois da infeliz perda material, voltou-se contra os invasores e sediou inúmeras rebeliões contra o governo de Roma em Jericó. Os romanos temeram os avanços dos insurgentes, logo arrumaram uma maneira de deter seus rivais. E por algum descuido, Timeu acabou sendo capturado, julgado e crucificado. O filho de Timeu também carregou o fardo do pai, pois seus olhos foram arrancados para impedir que ele voltasse contra Roma. Após o ocorrido, Bartimeu tornou-se mendigo para sustentar sua família, vagando por Jericó com outro amigo cego. As pessoas olhavam com desprezo a decrepitude dele, discriminando como se Bartimeu fosse um leproso cego. Um dia, Bartimeu escuta que Jesus estava a caminho. Ele ficou esperançoso e partiu em busca do messias. Aqui, a multidão tentará negar a passagem de Bartimeu, impedindo que falasse ou caminhasse com eles. A juventude negará o velho, achando-se superior naquela situação, onde caminhar na multidão era uma tarefa para os bens vistos, enquanto o idoso vulgarmente era coagido a se calar. Porém, apenas Jesus escutou suas preces enfraquecidas, e o cobriu pela benção de sua fé. Resta

compreender que apenas poucos ouvem as vozes de seus velhinhos, e no meio da sociedade, muitos vivem para sufocar as vozes de seus parentes.

Erhard S. Gerstenberger (1978) expôs na palestra de dirigentes de ancionatos da IECLB alguns apontamentos da velhice nas escrituras bíblicas, mas acabou entrando em contradição em algumas afirmativas. Primeiro, ele considera que foi apenas com a sociedade industrial que houve o surgimento dos problemas dos velhos abandonados. Essa afirmação precisa ser revisada, pois é nítida a exclusão do ancião em sociedades históricas, como se percebe nos relatos de Simone De Beauvoir. Já no século XIX, havia o apreço pela caridade, sendo guiada pela igreja católica, com apoio, muitas vezes, de leis reais de ajuda aos carentes pobres. E em segundo lugar, não se pode esquecer que a velhice é uma categoria social, variando de acordo com o contexto histórico de um povo ou etnia. É levada em consideração outros apontamentos do ensaio “A pessoa idosa no povo de Deus”. De início, é correta a hipótese de que não havia asilos ou casas de assistência ao octogenário no antigo testamento, mas a família desempenhava o papel de cuidado com seus velhinhos. Vivia-se no máximo até os 40 anos, sendo raras as aparições de pessoas muito idosas. A família do antigo testamento é nômade, habilidosa no trato com os animais e no trabalho na terra. Os filhos eram ensinados dentro dos costumes e crenças dos pais, todavia, em caso de desobediência ou desonra, a pena era de apedrejamento, como se percebe na passagem de Deteremonios: 21-18.

“ Filhos incorrigíveis

18- Se um homem tiver um filho indócil e rebelde, que não atenda às ordens de seu pai nem de sua mãe, permanecendo insensível às suas correções,

19- seu pai e sua mãe tomá-lo-ão e o levarão aos anciãos da cidade à porta da localidade onde habitam.

20- e lhes dirão: este nosso filho é indócil e rebelde; não nos ouve, e vive na embriaguez e na dissolução.

21- Então, todos os homens da cidade os apedrejaram até que ele morra.” (DT 21-18)



Nesse relato se percebe que em cada cidade havia esse grupo de juizes anciões, que se juntavam à porta de cada localidade para discutir e solucionar possíveis problemas na comunidade. Como na passagem de Eclesiaste, o filho desobediente tem a vida abreviada por Deus ou por atos de apedrejamento coletivo. Um outro aspecto a ser mencionado aqui é o sinônimo de medo que o poder do patriarca perpassava sobre seus filhos. Portanto, os jovens não se rebelavam de imediato, e sim esperavam que seus pais falecessem para poder ter liberdade de comando sobre os pertences da família.

Os patriarcas do livro de Gênesis são líderes tribais que exerceram o poderio nas decisões familiares e da luta até o dia de seu falecimento. Erhard S. Gerstenberger relata o velho testamento quando:

“Assim se relata a morte de Abraão: foram os dias de vida de Abraão 165 anos..... José viveu 110 anos. Viu José os filhos de Efraim até a terceira geração...A vida, então, para os Israelita era um processo de amadurecer dentro e em prol do grupo familiar e tribal. Quanto mais velha era a pessoa, tanto maior era a sua estima social,e muitas vezes seu poder, dentro do seu agrupamento” (GERSTENBERG Apud Gênesis. 1979).

Os conflitos sociais entre jovens e velhos no Antigo Testamento ocorriam, alguns deles expressaram o desejo do filho de destronar seu pai. Na sociedade Feudal, por exemplo, a criança era tratada como adulto pequeno e o idoso como incapaz de trabalhar nos campos. A ideologia da beleza, caracteriza-se pelo apego da exaltação do homem robusto, enquanto coube para o sexagenário as risadas do povo. Noé quando se embebedou tirou as vestes no meio da “cidade”. Sabendo do ocorrido, seus filhos Cam, Sem e Jafet saíram para socorrer o pai. Porém, Cam, vendo aquela situação escandalosa, não se importou e sorriu de seu progenitor. Analisando a passagem de Eclesiaste 3-1, Cam poderia ser punido por ter rido da dignidade de seu pai. E não apenas ele, pois essa lesão cairia sobre seus descendentes. Assim, relata-se em Gênesis 9.10, do 18 até o 27:

- 18- Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam, e Jafet. Cm era o pai de canaã.
- 19- Estes eram os três filhos de Noé. E por eles que foi povoada toda a Terra.
- 20- Noé, que era agricultor, plantou uma vinha.
- 21- Tendo bebido vinho, embriagou-se, e apareceu no meio de sua tenda.
- 22- Cam, o pai de canaã, vendo a nudez de seu pai, saiu e foi contá-lo aos seus dois irmãos.
- 23- Mas, Sem e Jafet, tomando uma capa, puseram-na sobre os seus ombros e foram cobrir a nudez do pai, andando de costas; e não viram a nudez de seu pai, pois tinham os seus rostos voltados.
- 24- Quando Noé despertou de sua embriaguez, soube que lhe tinha feito o seu filho mais novo.
- 25- “Maldito seja Canaã, disse ele; que ele seja o último dos escravos de seus irmãos!”.
- 26- E acrescentou: “ Bendito seja o senhor Deus de Sem, e Canaã seja seu escravo!
- 27- Que Deus dilate Jafet. e este habite nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo!”
- 28- Noé viveu ainda depois do dilúvio trezentos e cinquenta anos.

Na sequência do relato acima, percebe-se que o sexagenario detinha de muitas posses e prestígios perante a sociedade de sua época. Não podemos afirmar que a idade de Noé extrapola 230 anos, uma vez que a expectativa de vida beirava os 60, 50 anos. Contudo, o fato de ter uma idade avançada, não significava que ele era rodeado das mazelas da idade. Ele expressava o vigor da sabedoria e experiência, seja dada por Deus ou pela vida, colocando-o em um lugar privilegiado. Por outro lado, esse poder causava medo aos mais jovens, devido a ocorrências de maldições e feitiços. Esse medo psicológico causava a continuidade da obediência da jovialidade a seus anciões, mesmo que muitas vezes significava aceitar ser subjugado através de ordens que não representassem uma verdade prévia para os filhos mais novos.

A idade, portanto, representava uma hierarquia social. Os homens de 20 anos, e que não eram primogênitos de seus pais, acabavam sendo servos ou ajudantes do seu irmão mais velho. O primeiro filho homem era bem recebido, pois além de ser uma mão de obra aos diversos serviços da família, também representava um herdeiro apto a herdar os bens familiares de seu pai. Por ser uma sociedade patriarcal, a mulher ficava mais próxima da mãe e prestava serviços domésticos. A menina desde cedo era orientada a prover um bom casamento, e ter de forma breve um filho homem. E esse filho era instruído a zelar pelo futuro de sua mãe. Noé sentiu desprezo pelo seu filho Cam, porque ele não seguiu a ordem natural de cuidar de seu provedor. A embriaguez, por sua vez, representa uma atitude baixa, inferior, não digna de um homem possuidor de inteligência e grandeza. Quando Cam riu do seu pai, menosprezou seu patriarca, e atribuiu a ele uma menoridade psicológica. Por isso que Noé enraiveceu e lançou uma maldição em seu filho mais novo, impedindo que seu descendente o destronasse no futuro. Cam além de se tornar escravo de seus irmãos, teve toda sua descendência predestinada a servir os descendentes de Sem e Jafet.

De fato, Simone De Beauvoir retrata a velhice nas sociedades mais antigas até as sociedades capitalistas. Cada grupo social organiza seus indivíduos, sendo por sua capacidade produtiva ou por seu poder mítico-religioso. E quando a velhice se relacionava a decrepitude ou doenças, restava para o idoso o afastamento do seio da família, evitando o fardo de ser mais uma boca para alimentar. Nesse período, especialmente na antiguidade, não havia uma política forte de aposentadoria ou auxílio ao ancião. Por isso, era dever da família preservar seus agregados.

Segundo os dados etnográficos extraídos do livro “A velhice”, temos algumas referências acerca da situação dos anciões na Idade Média, auge do cristianismo, e das definições de envelhecimento em lugares diversos, como na Grécia, Roma, África, etc. Alguns pontos sobre o idoso foram extraídos dos livros bíblicos no intuito de construir uma reflexão mais crítica sobre o papel do homem de cabelos brancos nos diversos trechos que abordam a temática do abandono ou exclusão. E de fato, mesmo no cristianismo houve momentos de

luta entre jovens e velhos. Não muito diferente, os mitos fundadores na Grécia nos apresentam revolta dos filhos contra a tirania de seus pais.

## A velhice antes e depois de Roma

Geras ou daimon era o deus grego que representava a velhice. Segundo a mitologia grega, esse deus era filho da deusa primordial da noite, Nix. Geras é descrito como um indivíduo pequeno e enrugado, sempre vencido pelo espírito da juventude. Em relatos do século V a.c, existem cenas do herói Hércules com o deus da velhice. Hércules morreu cedo e foi levado ao Olimpo, lugar onde se casou com a deusa da juventude Hebe.



*Geras e Heracles. Fonte: Google.com*

A história antiga descreve a luta entre pais e filhos, de sucessão e morte, de medo e confrontação. Cronos filho de Urano, deus do céu e Gaia, a terra, usou de estratégias para destronar seu pai. Sabe-se que a crueldade de Urano para

seus filhos era ímpar, devorando todos quando nasciam. Gaia, sofria constantemente, e não suportou essa violência por muito tempo. Ela escondeu os seus filhos Hecatônquiros e Ciclope no Tártaro, evitando suas mortes. Cronos, sob auxílio de seus irmãos e mãe planejaram castrar seu progenitor. O semem representava o poder e a dominação de pais sobre os filhos.

Cronos castrou seu pai com uma foice e jogou seu testículo no oceano, e tomou o poder sobre os demais deuses. Ele depois casou com a sua irmã Réia, e teve seis filhos: Héstitia, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus. Logo depois, Zeus destronou seu pai e se tornou o senhor do Olimpo. Sabe-se que os jovens sentiam medo dos mais idosos, considerando que eles tinham poderes mágicos e podiam machucar a terra com doenças. A exemplo disso, a peste negra do século XV estava retratada na figura de um idoso decrepito, apoiado com uma foice na mão.

Simone De Beauvoir destaca que a velhice tem dois sentidos diferentes, uma frente a imagem e outra para os relatos. Antes de tudo, percebe-se que o velho é uma categoria social, e também um ser pouco valorizado nos diálogos antigos. Os Gregos sempre tiveram conflitos entre os jovens e os velhos. Zeus, o pai, e a forte ação de destronar a virilidade do patriarca através da força dos filhos. Cada vez que os deuses envelheciam se tornavam tiranos e bravos. E isso explica o fato de Cronos tomar a vida de seus descendentes. O único que conseguiu fugir desse destino foi Zeus, por ter sido escondido de seu pai. Depois, o filho entrou em guerra contra o pai e tomou posse do trono do Olimpo.

Na Grécia antiga, a palavra géron representava privilégio. Em Esparta, as crianças disformes eram jogadas na vala. Por outro lado, os reis sempre estavam acompanhados por um conselho de anciões. Ser velho nesse contexto, representava sabedoria, poder.

Na História do Ocidente não havia conhecimento sobre o envelhecimento ou como o corpo se transformava com o passar da idade. Muitos acreditavam que a maturidade chegava aos 17 anos, a vida plena aos 30 e a velhice aos 40. E pensava-se que após os 40 apenas restava a morte, como acontece naturalmente com a passagem climática entre outono e inverno. Alguns

autores gregos consideram as aspirações higiênicas de Galeno, escrevendo sátiras e enredos sobre velhos moribundos que adoeciam por falta de alimentos ou por males dos corpos desconhecidos por eles no século XVIII. Como a medicina não tinha avançado nesse período, as especulações e a falta de sentimento sobre os problemas do envelhecimento e da velhice levou ao afastamento social e na aparição de tratados nefastos sobre o velho e o envelhecimento. No geral, o velho é aquilo que a sociedade o designa. Quando se tem utilidade ou uma memória intacta, seus semelhantes os respeitam e escutam suas tagarelices sem questioná-las. Mas, quando são acometidos por algum mal espírito, logo são rechaçados e retirados dos seus postos de autoridade familiar, findando nos asilos ou em casas filantrópicas de caridade aos deficientes e velhos desvalidos. Já a mulher desempenhava o papel de doméstica, submetida muitas vezes à parentela de seu pai ou marido. Ela tinha uma certa autonomia no lar, quando tinha plena atividades de suas faculdades físicas, sendo respeitada por suas noras e filhas. Por outro lado, as senhoras menos afortunadas, dependentes de esmolas, eram apontadas como bruxas, doentes, desprovidas de beleza e impuras. O culto mariano dos séculos XII-XV, aponta diretamente como as mulheres deviam ser, imitando as virtudes da mãe de Jesus é negado a prática do curandeirismo praticado por anciãs camponesas pobres. Muitas jovens e idosas foram acusadas de impuras, porque residiam em áreas escuras das matas, trabalhavam na terra e, devido a isso, envelheciam por volta dos 30/40 anos. Ao longo da História, a representação do idoso pode ser delimitada entre dois grupos: os ricos aristocratas e os pobres menosprezados.

A velhice é embalsamada negativamente por diferentes sociedades ao longo da História. Ser representante de uma elite enriquecida afasta, temporariamente, o estigma da feiura e decrepitude da idade. Para aqueles que estão enriquecidos, é sabido que viviam sem grandes dificuldades, com possibilidade de casar com belas mulheres e ter algum cargo público que pudesse prover status sociais. Assim, aconteceu em muitas sociedades patriarcais do Ocidente. De Beauvoir relata vários recortes etnográficos de literaturas de Gregos, Romanos, da Renascença e do século XX. Em Atenas, por exemplo, as

mulheres velhas eram vistas como sem utilidade, doentes e com a fronte enrugada. Mediante a República, as grandes famílias patriarcais podiam exercer seu direito em participar da Gêrusia (conselho de anciões), decidir sobre a política e a guerra. Em Esparta, esse conselho era essencial, principalmente, porque os anciões tinham habilidades de luta e experiência de batalha. Os jovens, desde os 7 anos, seguiam as regras dos seus mestres, todavia, o filho que nascia deformado tinha seu destino abreviado. Problemas com o corpo não eram aceitos pelos espartanos, e por isso, muitas crianças eram jogadas no fosso, mortas com brutalidades por seus pais.

Em Roma, não muito diferente, a aristocracia palaciana vivia pomposa, enquanto o populacho enfrentava as pressões do imposto e da violência nos campos. Em épocas das invasões bárbaras muitos povoados foram atacados, pressionando os romanos a reagirem. Para os romanos a resposta militar era uma via de repelir a entrada de estrangeiros em seus territórios, entretanto, faltava recursos financeiros e humanos para compor uma esquadra legionária perfeita. A solução foi a afirmação de contrato com alguns “bárbaros” no exército, como: os francos. Sabe-se que as mulheres estrangeiras lutavam em batalha com os seus companheiros, e os idosos, muitas vezes não chegavam ao sexagenário. O velho que não conseguia estar ativo nas batalhas apenas era rejeitado, levado muitas vezes ao auto suicídio ou ao banimento.

## **Conclusão:**

O estudo sobre a velhice e o envelhecimento ao longo da História do Ocidente requer paciência e tempo. Tempo para poder interpretar e analisar cada vestígio que fale sobre a representação social do idoso. Cada sociedade cria uma imagem de seus sujeitos, banindo ou os colocando em altos postos políticos. E dessa forma, concordando com as palavras de Simone De Beauvoir, a velhice é uma questão do imaginário social, e faz parte de um contexto histórico específico. A paciência para pesquisar sobre a velhice se refere no próprio suor e apego pela prática de busca de fontes e na própria reflexão sobre o discurso

historiográfico para os sujeitos e os corpos na História. As marcas, as experiências e o próprio relato saem de alguém para o papel ou da memória para a força das palavras. E o ato de lembrar se aproxima cada vez mais da subjetividade, do subconsciente. Talvez, devido ao apego da objetividade histórica, e a verdade dos fatos, que os historiadores negligenciaram o papel do ancião e sua relação com o círculo social coletivo. Todavia, os relatos fictícios trazem um fundo de verdade, que pode explicar os motivos pela exclusão de determinado grupo. Assim, a ideia da peste negra se associou a velhice e a morte, concebendo o medo a sua relação com o pecado e as práticas, que desde do culto mariano do século XII, representava como a feitiçaria estava ao lado das mulheres de cabelos brancos. Enquanto, as servas de Maria e imitadoras da fé cristã estavam salvas das doenças da idade.

Os relatos sobre o cego Bartimeu, Noé, etc., apontam para uma visão mais interpretativa das passagens bíblicas, aproveitando alguns recortes trazidos por Simone De Beauvoir e a análise da palestra de Gerstenberger. As poucas fontes abriram caminho para um diálogo rico, sem se desprender das suspeitas pelas descrições da bíblia. Diferente do senso comum, e do pensamento contínuo, a cientificidade se apoia nas suspeitas e na necessidade de contar os relatos apagados pela história dos vencedores. E devido a isso, é realidade uma reflexão interpretativa e crítica de cada relato, buscando ao máximo se aproximar das possíveis realidades na época narrada.

## Referências:

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. SP: Editora Difel, 1976

Erhard S. Gerstenberger. A pessoa idosa no povo de Deus: Reflexão crítica em torno da situação do velho. Acesso em: 09/07/2023. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1327](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1327).

FELIX, Luciene. A mitologia e o envelhecer. Acesso em: 09/07/2023. Disponível em: <https://dominique.com.br/a-mitologia-e-o-envelhecer/>.



MENDES,Iba. A condição dos velhos na história cultural da humanidade.

Acesso em: 13/07/2023. Disponível em:

<http://www.ibamendes.com/2011/02/os-velhos-ao-longo-dos-tempos.html>